



Autora: Cibeles Medeiros Boff
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Poli
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: belle.boff@gmail.com



Introdução

Os Centros de Atenção Psicossocial são uma forma aberta de se trabalhar com os transtornos mentais graves. Busca-se o resgate do sujeito e da possibilidade de um laço social. Dentro dos CAPS existe a modalidade de assistência das oficinas terapêuticas, que são espaços muito diversificados, unem diversas formas de trabalho e objetivos variados. O objetivo dessas oficinas é possibilitar trocas entre os sujeitos, permitindo e propiciando sua inserção através da relação com elementos culturais, e demonstrando sua singularidade através desses compartilhamentos. É importante para que isso seja possível, a presença dos oficinairos, alguém que entenda e conduza esse trabalho, permitindo que as oficinas mantenham sua plasticidade. Partindo das idéias da Reforma Psiquiátrica é fundado, em 1996, o CAIS (Centro de Atenção Integral a Saúde) Mental Centro. Quando foi estabelecida a sigla CAPS para esses serviços, a equipe decidiu por integrar CAPS ao antigo nome. Essa escolha foi feita pela equipe devido a possibilidade do nome “Cais” ser entendido como uma metáfora.



Quadro “One More Time” por Alfred Gockel.



Retirado do site da mostra Memória da Loucura. Imagem de uma colônia de alienados.

Objetivos, Metodologia e Referencial Teórico

O objetivo da pesquisa é pensar o trabalho com os pacientes na oficina de música no CAPS Cais Mental Centro como disparador para questões relativas à estrutura psicótica. E, além disso, refletir a respeito da plasticidade que esses espaços permitem. Isso porque o importante nessa vivência é aquilo que as músicas ou o espaço desperta nos frequentadores da oficina e as mudanças que nela ocorrem dependendo de quem participa. A metodologia foi embasada no referencial psicanalítico lacaniano, utilizando-se de recortes das vivências construídas durante a atuação na Oficina de Música, bem como a leitura de textos a respeito da Reforma Psiquiátrica e das Oficinas.

Resultados

A produção na oficina de música foi de pequenos relatos aos quais as músicas davam contorno. Vivências eram disparadas a partir dessas músicas e desse espaço, as quais poderiam não ter ocorrido se não fosse por uma música ou momento específico. Essa é uma das funções das oficinas terapêuticas, pois o que acontece nesses espaços desencadeia algo para além dele mesmo, por esse processo singular. Lacan fala da constituição do sujeito psíquico a partir do estágio do espelho, onde ocorre a formação da imagem corporal do bebê. Essa imagem, que lhe dá contornos, é o que permite que o bebê se diferencie do outro. O que regula propriamente essa diferenciação é o corte estabelecido pelo terceiro, chamado por Lacan de “Nome-do-pai”. Assim se inscreveriam os significantes da lei e da ordem simbólica (o Outro). O paciente psicótico foraclui o Nome-do-Pai, rejeitando o simbólico, que retorna no real. Como já explicava Freud, aquilo que foi abolido de dentro, retorna de fora. Assim, a partir da não inscrição do Nome-do-Pai, o sujeito é tomado pelo Outro como objeto de seu gozo. As oficinas teriam a função de esvaziamento desse Outro como alternativa à imposição desse gozo que o invade (Guerra, 2008).

“Os objetos criados numa oficina terapêutica não são tomados na via de um possível reconhecimento ‘artístico’. [...] Esses produtos não possuem um sentido em si, não visam nada, além de si mesmos, e se há algum ‘sentido’, este deve ser buscado no ‘fazer’ singular do psicótico.” (Silva & Alencar, 2008)

Considerações Finais

Existem muitas formas como essa oficina poderia ter acontecido. Porém, o que ocorreu foi um espaço de fala através da música, ou mesmo independentemente dela. Isso se deu por essa imprevisibilidade que possui esse tipo de dispositivo. Essa é uma de suas maiores potências: a possibilidade de que se crie dentro da criação, que a partir de uma idéia surjam outras que partem do movimento de um coletivo. Cada pessoa age diferentemente em uma oficina, tanto usuários quanto oficinairos, e é na mistura dessas formas diferentes de agir que se dá a oficina como ela pode ser. Nenhum dispositivo é perfeito, a plasticidade fala de uma possibilidade de poder ser, de poder criar. Não temos como antecipar, planejar, o que vai despertar algum movimento nos pacientes, ou até em nós mesmos, mas é exatamente por isso que nesse espaço esses novos movimentos podem ocorrer. Inclusive a palavra “espaço” para falar de oficina diz de um lugar em que há um intervalo que pode ser ocupado. Há espaço para a pluralidade dos sujeitos que fazem parte da oficina, sejam eles oficinairos ou usuários.

Referências Bibliográficas

GUERRA, AMC. Oficinas em saúde mental: percurso de uma história, fundamentos de uma prática. In: COSTA, Clarice Moura e FIGUEIREDO, Ana Cristina (org.). **Oficinas Terapêuticas em saúde mental**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2004.

SILVA, TJF & ALENCAR, MLOA. **Invenção e endereçamento na oficina terapêutica em um centro de atenção diária**. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 524-538, set. 2009.